Alimentos Agroecológicos aproximando pessoas e mudando atitudes

CETAP
AGRI CULTURA ECOLOGIA

PARTILHAR SABERES E AÇÕES PARA NUTRIR A VIDA!

Centro de Tecnologias Alternativas Populares

Josué Vicente Gregório - Coordenador Geral
Neura Grando dos Santos - Tesoureira
Pablo Rissardi Baldin - Secretario
Conselho Fiscal: Ademir Antonio Pertile, Rudimar Barea e Vanderlei Finatto

Edson Klein - Coordenador Executivo
Giovani Gonçalves - Coordenador Técnico
Ana Nascimento - Coordenadora Administrativa

Equipe Técnica e de Apoio:
Albenir Concolatto, Alvir Longhi, Anderson Munarini, Camila Bortolini, Cintia Gris, Cintia Melo, Cladivania Germany, Danilo Nunes, Emelson dos Santos, Guilherme de Souza, Josiane Both, Lauro Foschiera, Lídia Figuero, Marcelo Araujo, Mario Gusson, Paulo Pereira, Rudian Martini e Tiago Fedrizzi

Fotos:
Arquivo CETAP

Projeto Gráfico e diagramação:
MDA Comunicação Integrada

Impressão:
Agosto de 2020

Apoio:
Fundação Interamericana (IAF)

RUA LUIZ FEROLDI 50, BAIRRO BOQUEIRÃO – CEP 99025-390 – PASSO FUNDO/RS
(54) 3313 3611 | (54) 99629-5090 | CONTATO@CETAP.ORG.BR | CETAP.ORG.BR

Compartilhando conquistas e aprendizados

Abordamos nesta revista a temática do abastecimento alimentar a partir da produção e da comercialização de alimentos agroecológicos, regulamentados no Brasil pela Lei 10.831, de 2003. Queremos compartilhar a caminhada realizada pelas famílias agricultoras nas regiões de atuação do Centro de Tecnologias Alternativas Populares - CETAP, nossas principais conquistas e alguns aprendizados.

Os pioneiros da produção de alimentos agroecológicos foram famílias agricultoras que, além de cultivar a terra, se desafiaram a buscar novos espaços de comercialização, que acontece, na maioria das vezes, de forma direta, resultando num processo muito rico de integração entre produtores e consumidores. Isso estimula novos diálogos, equilibra interesses e estabelece parcerias entre quem produz, quem oferta e aqueles que procuram alimentos mais saudáveis, provenientes de dinâmicas mais sustentáveis.

Este processo, no entanto, também é muito desafiador. Como conquistar novos adeptos a esta proposta sem grandes recursos para publicidade? Que estratégias utilizar para ampliar as vendas e identificar novas demandas, sem contar com uma grande estrutura de comunicação? Como consolidar esta relação de confiança e manter constante diálogo entre produtores e consumidores? A caminhada realizada, resumida a seguir, apresenta algumas sugestões para essas e tantas outras questões que fazem parte da importante missão de produzir alimentos sustentáveis, contribuindo para o reequilíbrio ambiental dos agroecossistemas e suas funcionalidades ecológicas, de forma que sejam acessíveis por meio de dinâmicas de intercooperação entre os diferentes atores, impulsionando o desenvolvimento local com base nos princípios da economia solidária.

Iniciamos com uma breve apresentação do CETAP, destacando o trabalho desenvolvido e sua região de abrangência. Outro ponto abordado é a comercialização de alimentos ecológicos e a ampliação das oportunidades de processamento e distribuição. Neste sentido, destaca-se a importância da articulação e parceria entre diferentes setores e organizações.

Muitas das ações realizadas pelo CETAP contaram com o apoio decisivo de entidades de cooperação internacional, nas diferentes etapas e momentos históricos desta construção. De forma especial, queremos destacar o apoio da Fundação Interamericana (IAF) no início de nossa trajetória e na construção de várias das ações aqui apresentadas, que integraram o "Projeto de apoio à estruturação e consolidação de novas dinâmicas de abastecimento local, fortalecendo a soberania alimentar e as economias locais da região norte do estado do RS".

Edson Klein
Coordenador Executivo do CETAP

Edson Klein compartilha ações realizadas pelo CETAP em encontro com consumidores, cooperativas e organizações de assessoria na área da agroecologia. (mar/2019)

Equipe do CETAP em encontro de avaliação e planejamento (dez/2019)

O CETAP

O Centro de Tecnologias Alternativas Populares - CETAP é uma Organização da Sociedade Civil (OSC), criada em 1986, que tem como um dos objetivos centrais estimular agricultores a adotar formatos tecnológicos para a produção de alimentos agroecológicos, fazendo uso de tecnologias e práticas que reduzam custos e impactos ambientais e possibilitem a viabilidade e a continuidade das famílias na missão de produzir alimentos.

Considerada de utilidade pública, a entidade presta serviços de assessoramento pela defesa e garantia de direitos, formação, capacitação e promoção da cidadania, primando pela abertura de espaços e oportunidades para o exercício da cidadania ativa e fortalecimento das organizações sociais.

Ao longo de mais de 30 anos de atuação, o CETAP estimulou o desenvolvimento de uma agricultura sustentável que se orienta nos princípios da agroecologia e do protagonismo de quem a realiza. Atua por meio de atividades de assistência e formação técnica, socioambiental, de caráter educacional e cultural, que contribuem com o desenvolvimento e com a implantação de uma agricultura adequada às condições socioculturais, econômicas e ecológicas, visando eliminar os problemas sociais e ambientais causados pelas formas atuais do processo produtivo agroquímico. Sempre dedicando especial atenção ao acompanhamento das famílias agricultoras, incentiva a produção diversificada de alimentos saudáveis, contribuindo para a segurança alimentar e nutricional e para a qualidade de vida das pessoas, a partir de dinâmicas de comercialização coletivas e articuladas com o público urbano.

Para realizar as atividades programadas, a entidade possui equipe multidisciplinar que elabora e executa projetos que são apoiados por entidades de cooperação e similares (nacionais e internacionais) e/ou por órgãos públicos municipais, estaduais e federais. São realizadas parcerias com diversas organizações e entidades conformadas em fóruns e redes, tais como: Rede Ecovida de Agroecologia; Terra do Futuro - Articulação Latino América; Ana - Articulação Nacional de Agroecologia; MAELA - Movimento Agroecológico da América Latina e Caribe; Consórcio de ONGs do RS; ABONG - Associação Brasileira de ONGs; CPORG - Comissão de Produção Orgânica do RS; Aliança pela Alimentação Adequada e Saudável, entre outros.

A atuação do CETAP acontece a partir dos programas institucionais que orientam a captação de recursos e a unidade das ações desenvolvidas pelos técnicos.

Estes programas estão em constante aprimoramento, buscando garantir que o trabalho desenvolvido pelo CETAP dialogue com as demandas sociais e com as mudanças que ocorrem de tempos em tempos. O processo de comercialização de alimentos, por exemplo, foi ampliando espaços e oportunidades e colocando outros desafios para a equipe, como a mediação entre agricultores, consumidores, empreendimentos, poder público e outras organizações sociais.

PROGRAMA	OBJETIVO
Apoio à produção ecológica com protagonismo de mulheres e jovens	Fomentar a agricultura ecológica e a Certificação Participativa de Garantia (SPG) como um processo de aperfeiçoamento da qualidade alimentar e nutricional, de geração de renda, como opção de vida e de desenvolvimento com sustentabilidade.
Promoção e conservação da sociobiodiversidade	Promover ações que possam desencadear processos de valorização e uso da sociobiodiversidade numa perspectiva de complementaridade e sintonia.
Comercialização e aproximação entre rurais e urbanos	Fortalecer estratégias e espaços regionais de abastecimento e comercialização de alimentos ecológicos, estimulando a aproximação entre rurais e urbanos e promovendo o consumo consciente e responsável.
Articulação e cooperação interinstitucional	Fortalecer as institucionalidades das Organizações da Sociedade Civil (OSC), especialmente do CETAP, com atuação em rede para ampliar a incidência política, garantindo sustentabilidade e governança.
Gestão e fortalecimento institucional	Fortalecer a institucionalidade do CETAP, criando mecanismos de articulação, construção e qualificação dos processos internos e dos recursos humanos; qualificar a comunicação e gestar os recursos disponíveis visando à sustentabilidade financeira.

Um pouco da caminhada – aspectos principais

Em sua origem, a atuação prioritária do CETAP era técnica e sócio-organizativa, estimulando famílias agricultoras a experimentar e adotar outros formatos tecnológicos na produção agropecuária com práticas de baixo impacto ambiental, valorizando a biodiversidade, estimulando a organização, a cooperação e a troca de experiências e conhecimentos entre famílias agricultoras, baseando-se nos princípios agroecológicos e buscando apoio com entidades parceiras.

A partir do aumento da produção de alguns grupos, o CETAP foi desafiado a auxiliar na abertura de canais de comercialização dos alimentos ecológicos produzidos pelos agricultores e, assim, foram construídos os espaços e as diferentes formas e organizações para fazer com que os alimentos ecológicos fossem ofertados à população.

Os princípios da relação direta agricultor-consumidor, da pesquisa-ação, da experimentação, da cooperação e de parcerias orientaram os passos para iniciar as primeiras ações de oferta de alimentos ecológicos à população, com o início de uma feira de venda direta na cidade de Passo Fundo.

Nesta caminhada, o CETAP passou a se envolver na temática, atuando como agente de motivação, orientação, mediação e organização das famílias agricultoras e dos aspectos que são necessários para que o ato de comercializar aconteça, tais como: plano de produção continuado, infraestrutura (transporte, mesas, barracas, balanças...), apresentação dos alimentos, tabela e política de preços, embalagens, divulgação e outros. Na outra ponta, também apresentar aos clientes que os alimentos eram produzidos sem o uso de agrotóxicos e outros insumos prejudiciais à saúde das pessoas e do meio ambiente.

Constantemente eram realizadas reuniões de avaliação para refletir sobre os entraves existentes, de percepção dos agricultores ou propostos/sugeridos pelos clientes da feira, e, em conjunto, definir ações para superá-los.

O processo de comercialização, além de trazer aprendizados, contribui para integrar agricultores e consumidores por uma agricultura agroecológica, por alimentos saudáveis e pelo consumo consciente. São práticas de produção e consumo de alimentos que fortalecem a discussão sobre segurança alimentar e nutricional, a caminhada pelo desenvolvimento rural com sustentabilidade e condizem com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), também almejados pela Organização das Nações Unidas (ONU).

A agricultura ecológica gera desenvolvimento com inclusão e responsabilidade

Nas discussões referentes à agricultura ecológica, sempre tivemos a preocupação de envolver e fortalecer organizações de agricultores e de consumidores para que a proposta se enraíze, se fortaleça e se consolide. Estimulamos a organização de feiras, de redes locais, estaduais e regionais, do Consórcio de ONGs, Rede Ecovida e cooperação internacional, como forma de potencializar e fortalecer esta proposta. Temos dialogado com diferentes atores sociais e apresentado um projeto de desenvolvimento com a preocupação de produzir alimentos de qualidade e acessíveis a todas as famílias, além das discussões da preservação dos recursos naturais que são imprescindíveis à sobrevivência de muitas espécies, inclusive a humana.

Nos espaços que participamos, contribuímos para que essas ideias sejam divulgadas e socializadas, mas isso não significa que conquistamos facilmente muitos adeptos. Nas últimas décadas, a acumulação teórica da proposta da agricultura ecológica tem se expandido e ampliado sua narrativa em diversos segmentos sociais, com destaque ao ambiente educacional de todos os níveis. Isso nos permite afirmar que a sociedade tem discutido mais sobre a produção ecológica e necessidade do cuidado com a qualidade dos alimentos e a preservação do meio ambiente.

> ***A aceitação do discurso no âmbito social não significa, porém, correspondente implantação de práticas concretas da agricultura ecológica, mas indica menor resistência, como nos primórdios da proposta da agricultura alternativa.***

Assim, ainda há uma enorme lacuna entre a compreensão teórica e a ação concreta para transformar a realidade. Há muitas referências construídas mostrando a viabilidade da agricultura ecológica e isso precisa ser ampliado e massificado para toda a sociedade. O conhecimento é fator fundamental para cada pessoa agir em prol de mudar sua realidade. Os consumidores têm um papel importante na definição de demandas e na exigência de qualidade dos alimentos que estão sendo produzidos e consumidos, pois isso afeta diretamente sua saúde e qualidade de vida. Assim, uma relação próxima entre agricultores e consumidores é imperativo para que se evolua e se expanda a proposta da produção ecológica como estratégia de desenvolvimento sustentável para esta e para as próximas gerações.

A comercialização direta de alimentos agroecológicos

O início da comercialização por meio da Feira Ecológica de Passo Fundo

O início da caminhada do CETAP, mais especificamente no começo da década de 1990, dedicada a estimular famílias agricultoras a adotar tecnologias e práticas de agricultura ecológica, motivou algumas famílias que passaram a produzir de modo diferente e, a partir desta produção, demandaram apoio para realizar a comercialização. A pergunta central era: *onde vamos comercializar o que produzimos?* Tal questionamento era extremamente desafiador, porque o CETAP, na época, não tinha experiência em processos de comercialização e tinha limites de conhecimento sobre os espaços de abastecimento e suas especificidades.

A partir de reflexões sobre este desafio e de visitas realizadas na Feira Ecológica da Redenção (Porto Alegre), optou-se por iniciar uma feira de venda direta na cidade de Passo Fundo/RS, que teve início no ano de 1998. Primeiramente, a feira era realizada uma vez por mês, localizada em um terreno cedido pela Cáritas Diocesana de Passo Fundo, e oferecia aos consumidores alguns alimentos agroecológicos cultivados e ofertados por três grupos de famílias. Às vésperas das feiras, realizava-se a divulgação por meio de rádios e jornais, porém, a frequência de público era baixa e, com poucas vendas, os agricultores não se motivaram. Após três meses, a frequência da feira passou a ser quinzenal, mas isto não ampliou a procura, como desejado. Diante disso, optou-se por alocar a feira em outro espaço de maior visibilidade pública, tendo sido instalada no canteiro da principal avenida da cidade – a Avenida Brasil.

A transferência para o local de maior visibilidade pública propiciou o aumento de consumidores na feira e possibilitou a ampliação das vendas, que, por sua vez, motivou a ampliação da produção e a oferta de alimentos pelos agricultores. A feira foi se tornando um espaço de venda direta, de diálogos, de aprendizados e de fomento a novas oportunidades.

Feira Ecológica de Passo Fundo/RS realizada na Praça da Mãe, na principal avenida da cidade. (2006/2007)

Encontro da Diversidade Orgânica de Sananduva (2016)

Comemorações dos 20 anos da Feira Ecológica de Passo Fundo/RS (2018)

Inauguração da Feira Pé na Terra - Sananduva/RS (2018)

Agricultores foram adquirindo novos aprendizados e os consumidores passaram a compreender a importância da diversidade alimentar produzida de maneira ecológica e ofertada diretamente por quem os produziu. Neste contexto, o papel do CETAP foi de monitorar a organização dos agricultores e a produção ofertada, além de promover ações de divulgação e de integração entre agricultores e consumidores, proporcionando a eles oportunidades de troca de informações, ampliando os aprendizados das partes e as demandas pelos alimentos agroecológicos, que, por sua vez, foi motivando a ampliação da produção. O trabalho foi realizado sempre dialogando com entidades parceiras, conselhos e gestores públicos, buscando apoio para estas formas de produzir e ofertar alimentos.

Motivando feiras na região

Como consequência do processo realizado pela Feira Ecológica de Passo Fundo, novas feiras foram surgindo em municípios da região de atuação do CETAP, onde existem agricultores que realizam a produção ecológica de alimentos. As feiras, além de espaços para o abastecimento, também funcionam como ponto de encontro de alimentos e pessoas, proporcionando aprendizado para quem produz e quem consome os alimentos. Atualmente, existem 11 feiras ecológicas distribuídas nos municípios de atuação do CETAP.

Ampliando oportunidades de comercialização de produtos agroecológicos

Durante as duas primeiras décadas de existência das feiras ecológicas, outros espaços de abastecimento foram sendo criados. Entre eles, podemos citar as vendas para escolas, restaurantes, comércios especializados, pequenos mercados, entregas de alimentos em domicílio, vendas para eventos diversos e circuitos de comercialização. Nos primeiros anos de operação de programas do Fome Zero (implementados pelo Governo Federal), os alimentos agroecológicos eram doados para famílias de baixa renda e entidades que prestam serviços sociais, como associações, creches e asilos. Assim, os agricultores foram adquirindo *expertise* na área e ampliando os espaços para comercializar os alimentos. Este programa também possibilitou que as organizações se articulassem para a realização de intercâmbios entre quem produzia e quem recebia a doação dos alimentos, como forma de valorização de quem produz, mas também para que as famílias agricultoras pudessem conhecer a realidade de quem estava recebendo os alimentos.

Os Jantares Ecológicos são eventos que ajudam na divulgação dos alimentos e na integração entre agricultores, organizações, poder público e consumidores.
Foto: Jantar Ecológico em Aratiba/RS (2019)

Alimentos agroecológicos nas escolas

A oferta de alimentos agroecológicos no Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), e em outros mercados institucionais, ajudou a impulsionar a produção e a comercialização destes alimentos, tornando-se um mercado estratégico especialmente para agricultores que iniciam sua caminhada na agroecologia. No entanto, a parcela de escolares que tem acesso a alimentos agroecológicos ainda é baixa, considerando o volume total de aquisição destes alimentos no âmbito do Brasil. Vislumbramos a possibilidade de aumentar de forma significativa a oferta destes alimentos na alimentação escolar, desde que superados alguns limites relacionados à falta de compreensão e de sensibilização de muitos gestores sobre os aspectos produtivos (sazonalidade, intempéries climáticas) e sobre a importância desses alimentos na promoção de segurança alimentar e nutricional. Soma-se a isso a necessidade de melhoria nas condições de infraestrutura

das escolas, para se superar dificuldades de estocagem e de preparo de alimentos que chegam *in natura* ou minimamente processados, e, também, a necessidade de incentivo e suporte para que unidades de processamento (gestadas por famílias agricultoras, cooperativas e associações ou parceiros) possam ofertar alimentos com maior praticidade de preparo e consumo.

Ressaltamos que a alimentação escolar também é uma oportunidade para se difundir a alimentação adequada e saudável junto aos escolares, enfatizando a importância da diversidade alimentar e dos alimentos sazonais, regionais e agroecológicos na promoção de um consumo alimentar mais saudável, responsável e sustentável. Apostar na oferta de alimentos agroecológicos nas escolas é um investimento que contempla os aspectos educativos, sociais, ambientais e econômicos.

Entregas em restaurantes

Alguns restaurantes desejam e adquirem alimentos agroecológicos para oferecer refeições com alimentos saudáveis aos clientes. Existem restaurantes que fazem uso dos alimentos agroecológicos como atrativo. Ainda pouco explorado devido à necessidade de logística para entregas frequentes (diárias), acreditamos que este mercado apresenta possibilidades de expansão. Estes espaços têm uma tendência de avançarem para alimentos pré-prontos, que possam ser servidos exigindo pouco tempo de dedicação por parte das cozinheiras, o que também exige uma melhoria nas estruturas das famílias agricultoras. Este pré-processamento é uma alternativa a ser construída e discutida em parceria com empreendimentos urbanos que possam ter uma relação mais próxima com agricultores e criar alternativas de renda.

8 *Restaurante Utopia (Sananduva/RS) recebe produtos agroecológicos diretamente de agricultores*

Casas especializadas em venda de alimentos agroecológicos

Caracterizam-se por casas de comércio que oferecem alimentos agroecológicos. São gestadas por pessoas ou famílias que conhecem a importância e como são produzidos estes alimentos e mantém contatos permanentes com as famílias agricultoras produtoras e fornecedoras.

Embora a relação entre agricultores e urbanos não seja direta, os proprietários acabam realizando certa mediação em favor dos alimentos agroecológicos e locais. Pode-se afirmar que, embora ainda pouco significantes em relação aos volumes comercializados, são parcerias que possibilitam diminuir o envolvimento do agricultor na comercialização, já que os agricultores também precisam se dedicar ao processo de produção. Trata-se de parceria que pode ser ampliada gradativamente, visando ao abastecimento alimentar.

Estas casas acabam se colocando como importante alternativa mediadora, pois realizam um serviço que atende aos anseios das famílias agricultoras que não disponibilizam de tempo para a comercialização e, ainda, às demandas dos consumidores, que querem ter segurança na procedência e qualidade dos alimentos. Assim, geram oportunidades de trabalho e de renda, dando maior visibilidade aos alimentos agroecológicos.

Mercados

Alguns mercados buscam, junto às famílias ecologistas, adquirir alimentos agroecológicos para oferecer em seus estabelecimentos como atrativos aos seus clientes. Esta possibilidade vem sendo testada por famílias agricultoras, que vão avançando no processo produtivo, olhando de forma mais atenta para a regularidade, sazonalidade e diversidade de alimentos para compor seu mix de oferta. Estes espaços ainda apresentam possibilidade de crescimento, mas também há uma necessidade de logística para entrega frequente. Também possibilita o escoamento de uma quantidade e diversidade significativa de produtos. São espaços que desafiam as famílias a terem um maior e melhor planejamento da produção para ofertar e manter sua participação no abastecimento dos espaços.

Araçá - Loja de produtos agroecológicos em Erechim/RS (2020)

Preparo das cestas para entregas (Erechim/RS - 2020)

Entrega domiciliar de alimentos agroecológicos (Sananduva/RS - 2019)

Entregas de alimentos em domicílio

A comercialização através de alimentos entregues em domicílio é uma alternativa interessante para pessoas que desejam alimentos agroecológicos, mas possuem limites para frequentar as feiras ou outros espaços de oferta.

Para os agricultores, a comercialização com entregas periódicas apresenta-se como uma segurança econômica e uma estratégia de diminuição do desperdício. Será colhido somente o correspondente às vendas e a produção pode ser organizada de acordo com a média de pedidos e entregas.

Embora as entregas exijam a dedicação de tempo considerável por parte dos agricultores, possibilitam que as partes estabeleçam ajustes e que sejam feitos acordos rápidos relacionados à qualidade dos alimentos ou de novas demandas dos clientes. O contato direto permite avaliações e possíveis adaptações, que podem ser atendidos rapidamente na entrega seguinte. Quem produz dialoga com quem consome, criando um vínculo de credibilidade e possibilidades de ampliação das demandas. É comum os agricultores colocarem suas unidades de produção à disposição para os grupos consumidores que desejam conhecer como são produzidos os alimentos e o conjunto de aspectos envolvidos, desde os cuidados com as sementes e do solo até a preparação e entrega dos alimentos.

Coquetel com produtos agroecológicos divulga novos usos e pratos (Aratiba/RS - 2019)

Vendas para eventos

As vendas em eventos diversos são outra oportunidade para comercialização dos alimentos agroecológicos. São almoços, jantares, coquetéis com alimentos agroecológicos, alguns já com calendários anuais definidos, outros conforme as demandas. Muitos com intuito de serem momentos festivos de celebrar e divulgar os sabores e resultados obtidos. Ocorrem eventos que visam sensibilizar pessoas (crianças, jovens e adultos), representantes de entidades e gestores públicos, quando são oferecidos alimentos para degustação, ofertados pelas famílias produtoras. Em eventos sociais como festas, coquetéis, casamentos e outros, os alimentos agroecológicos vão gradualmente ganhando espaço, também como forma de valorização da produção local feita por famílias integrantes das próprias comunidades.

A promoção da sociobiodioversidade nativa e o desafio de novas dinâmicas de comercialização

Área de Sistema Agroflorestal (SAF) Certificada pela SEMA/RS Vacaria/RS (2020)

A biodiversidade é um dos pilares da construção, promoção e consolidação da agroecologia nas suas diferentes dimensões: produção, organização social, processamento e comercialização. Desta forma, a conservação e o uso da sociobiodiversidade, bem como a construção de logísticas de comercialização desta biodiversidade, são focos de nossas ações.

O CETAP, desde sua origem, tem dedicado atenção especial para o resgate e uso de espécies da sociobiodiversidade e da agricultura tradicional. Foi realizado um intenso trabalho com sementes crioulas, como milhos, feijões, ervilhas, pipocas, trigo, morangas, alfaces, tomates, entre outros. A promoção e conservação das sementes crioulas e seus produtos resultou, gradativamente, no amadurecimento e na melhor compreensão sobre o tema, apresentando novos desafios para a qualificação dos sistemas de produção agroecológicos e ampliação da diversidade alimentar e nutricional das famílias.

A busca por sistemas agroalimentares de base ecológica mais sustentáveis motivou a intensificação do trabalho com os sistemas agroflorestais biodiversos, no início dos anos 2000. Já, na época, se elegeu dois grandes eixos estruturantes que permanecem até hoje:

Implantação e manejo de sistemas agroflorestais

Qualificar os sistemas agroecológicos, tornando-os mais complexos nos seus arranjos, ampliando sua funcionalidade ecológica e restaurando sua capacidade de resiliência. Apresentar alternativas de produção e de geração de renda, associado a estratégias de conservação ambiental.

Valorização e uso das frutas nativas

Promover a valorização e uso das espécies nativas alimentares, com atenção especial para as frutas nativas, como forma de ampliarmos a base alimentar e nutricional da população. Neste sentido, a implantação dos Sistemas Agroflorestais (SAFs) não pode ter como base a utilização de espécies exóticas.

A criação do Encontro de Sabores para impulsionar o desenvolvimento e comercialização de produtos da sociobiodiversidade local

A boa aceitação na implantação de SAFs e o aproveitamento crescente de frutas nativas no início dos anos 2000 impulsionaram a necessidade de criarmos alternativas de comercialização para estes produtos. O exercício concreto da comercialização era forma de demonstrar às famílias agricultoras que a tão esperada geração de renda a partir das espécies nativas era possível. Por outro lado, também possibilitava às famílias consumidoras o acesso a este tipo de produto, normalmente negligenciado no mercado tradicional.

Neste cenário, iniciamos diversas reflexões, internamente, na equipe do CETAP, e também junto ao nosso público de atuação, para avaliar a melhor estratégia a ser seguida. Concluímos que seria extremamente importante termos um ator regional que se dedicasse exclusivamente a trabalhar na perspectiva de articular a logística de armazenamento, processamento e comercialização dos produtos das frutas nativas, dentro de uma lógica de complementaridade e sinergia com as demais ações da cadeia produtiva. Na idealização de um empreendimento com esta função, entendemos que este ator deveria estar no espaço urbano, com o propósito de demonstrar que as ações da agroecologia, neste caso das frutas nativas, era um elemento que também poderia impulsionar a geração de emprego e renda no espaço urbano.

É importante destacar que não vemos as cidades apenas como mercado. Entendemos que implementar novos formatos de produção e distribuição de alimentos envolve contar com parceiros urbanos que operem logísticas de processamento e distribuição. Em resumo, a operacionalização de uma cadeia produtiva necessariamente precisa ser construída e dinamizada por atores rurais e urbanos. É a partir destas motivações que nasce o "Encontro de Sabores", no ano de 2007.

A sede do empreendimento Encontro de Sabores está localizada na cidade de Passo Fundo/RS, e conta com uma agroindústria de produtos das frutas nativas, além de infraestrutura de armazenamento e distribuição de produtos. Também possui um entreposto de recolhimento e distribuição de produtos na cidade de Vacaria/RS.

Ao longo do tempo, o Encontro de Sabores passou por diferentes desafios.

Coleta de frutas nativas em Coxilha/RS e processamento no Encontro de Sabores, em Passo Fundo/RS (2019)

Na fase inicial, enfrentamos a falta de conhecimento sobre as técnicas de despolpa, de equipamentos apropriados e de espaço adequado para a realização do trabalho. Estas dificuldades foram superadas com testes continuados, intercâmbios de informações e pela captação de recursos necessários para realizar adequações no espaço atual de trabalho. Novos desafios se apresentaram na instabilidade da oferta e na qualidade dos frutos e da polpa entregues pelas famílias agricultoras. Nesse sentido, o trabalho de assessoria técnica e animação junto às famílias e grupos realizados pelo CETAP contribuiu decisivamente para uma maior estabilidade no abastecimento e na adequação da qualidade das polpas e frutos.

Nos anos mais recentes, o Encontro de Sabores tem encontrado variações entre o volume da oferta de polpa e frutos e o volume de demanda dos produtos. As soluções têm sido buscadas através do planejamento conjunto com as famílias produtoras e grupos sobre os volumes entregues, bem como acordos sobre os compromissos de pagamento, por meio do diálogo e de maior sintonia entre os empreendimentos da Cadeia Solidária das Frutas Nativas, da diversificação de produtos oferecidos e de canais de comercialização, além da intensificação da divulgação.

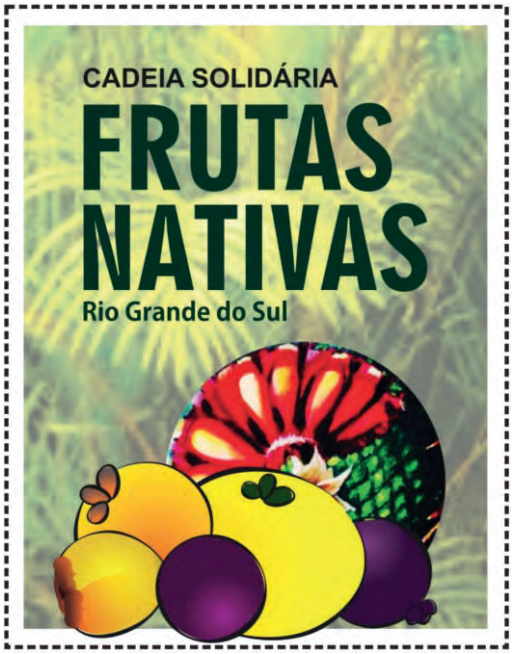
No ano de 2020, o Encontro de Sabores dinamiza a comercialização de produtos de um conjunto aproximado de 150 famílias de agricultores que estão envolvidas na coleta de pinhão, butiá, guabiroba, uvaia, araçá vermelho, jabuticaba e açaí Juçara, além da produção de polpas em diferentes comunidades rurais das regiões da Serra, do Litoral, do Alto Uruguai e do Planalto do Rio Grande do Sul. Também estão envolvidas mais sete famílias na elaboração de 25 diferentes tipos de alimentos, nos serviços de coquetéis e na preparação de jantares. Como integrante da Cadeia Solidária das Frutas Nativas, o "Encontro de Sabores" realiza a comercialização em diferentes mercados, tais como: pontos fixos de comercialização, feiras de alimentos agroecológicos, bancas em eventos, coquetéis e jantares.

A iniciativa da criação de um empreendimento urbano, como o "Encontro de Sabores", associado às ações desenvolvidas pelo CETAP, resultou, mais tarde, em uma articulação estadual que proporcionou que as frutas nativas e as agroflorestas começassem, de fato, a serem vistas com bons olhos por diferentes segmentos da sociedade. Este processo tem servido de base para subsidiar debates e definir estratégias e ações em outras redes de agroecologia, especialmente no âmbito da Rede Ecovida de Agroecologia, onde este tema vem ganhando visibilidade e expressão nos últimos anos.

Processamento e armazenamento de frutas nativas e polpas no Encontro de Sabores, em Passo Fundo/RS.

Coquetel com alimentos agroecológicos servido em evento. (2019)

A cadeia produtiva solidária das frutas nativas



A Cadeia Produtiva Solidárias das Frutas Nativas do Estado do RS (CSFN) envolve uma grande diversidade de público e de iniciativas, sendo uma das mais novas e promissoras articulações do campo agroecológico em diversos territórios do Rio Grande do Sul, não só pelo tema que se propõe a trabalhar, mas pela forma estrutural de seu funcionamento.

A proposta de estruturação desta cadeia teve início no ano de 2011, quando a Secretaria Estadual da Economia Solidária e Apoio à Micro e Pequena Empresa (SESAMPE), após conhecer o trabalho desenvolvido pelo CETAP e pelo Encontro de Sabores, identificou que a estratégia de construção de uma cadeia produtiva articulada entre o rural e o urbano deveria compor uma das seis Cadeias Produtivas de Economia Solidária que a Secretaria estava se dispondo impulsionar no âmbito estadual. Em resumo, podemos dizer que a CSFN é uma dinâmica organizativa onde se integram e participam diversas organizações, redes, empresas, atores e articulações do campo agroecológico e da economia solidária, que partilham um conjunto de princípios e constroem, de forma coletiva, acordos operacionais.

Os integrantes da CSFN buscam implementar um formato de produção, processamento e distribuição de alimentos que estimule a conservação da sociobiodiversidade local. Também implementam uma dinâmica onde os trabalhadores sejam os protagonistas das diferentes fases deste "sistema", se relacionando de forma integrada, numa perspectiva de complementaridade.

A estrutura de produção e distribuição

- São mais de 40 produtos elaborados a partir das frutas nativas. Dentre eles, destacamos: polpa congelada, picolés, sucos, sorvetes, panificados, bolachas, pastéis, pudins, mousses e tortas.
- Além de potencializar as frutas nativas, as unidades produtivas têm proporcionado o aproveitamento e a agregação de valor na produção de polpas de outras frutas disponíveis nas diferentes regiões, tais como: amora, cítricos, manga, maracujá e morango.
- O volume produzido, processado e comercializado chegou a 40 toneladas no ano de 2019, pronto para o consumo, incluindo polpas e produtos derivados.
- De maneira geral, a comercialização acontece na rede de atores parceiros da Cadeia Solidária das Frutas Nativas, em mais de 40 diferentes espaços de comercialização, além da distribuição sazonal de picolés de frutas nativas, sucos para eventos e coquetéis, produtos congelados para padarias, restaurantes e feiras nas quais os grupos e empreendimentos participaram.

Política de preços

- **Desde 2011, uma das preocupações centrais da Cadeia Produtiva Solidária das Frutas Nativas é manter o processo de geração de renda e gestão aberto, transparente e baseado em valores que sejam justos para todos os seus membros.**
- **No processo de gestão econômica devem prevalecer os princípios da economia solidária.**
- **Este trabalho é um desafio permanente, que exige ajustes e adequações que variam segundo o contexto específico no qual se encontram os diferentes empreendimentos que integram a cadeia.**
- **A política de preços segue um mesmo percentual de resultado/lucro nas diferentes etapas, para os diferentes "atores" envolvidos, da produção ao ponto de venda.**
- **A proposta é operar com um sistema de "planilha aberta", na formação dos custos e preços de venda, considerando a construção coletiva do "preço justo" para cada etapa do processo.**

Esta caminhada de 20 anos sobre este tema e, de forma especial, a da última década, a partir da dinâmica da Cadeia Solidária das Frutas Nativas do RS, tem gerado muitos aprendizados, os quais nos permitem apontar questões centrais na estruturação e dinamização de cadeias produtivas agroecológicas articuladas e gestadas por diversos atores, tanto do ponto de vista logístico, quanto econômico.

Entre os aprendizados, podemos afirmar que é de extrema importância a construção de sistemas alimentares articulados entre iniciativas rurais e urbanas, ou seja, o campo e a cidade precisam, juntos, pensar e implementar novos formatos de produção e distribuição de alimentos. Este destaque é importante, uma vez que ainda é bastante comum, ao se discutir a agroecologia, trazermos para o debate – e, consequentemente, para a prática posterior - a ideia de que os agricultores são os únicos atores deste processo.

Sem dúvida, o rural é parte central deste movimento por questões óbvias; contudo, o universo urbano precisa se envolver e dinamizar ações numa lógica de complementaridade. Além das questões relacionadas aos fluxos, podemos impulsionar, de forma consistente, a proposta da agroecologia gerar emprego e renda também nas cidades, envolvendo diversos trabalhadores e tornando as redes de abastecimento mais ágeis e eficientes. Talvez, agora, seja este o nosso maior desafio: ampliar as parcerias com setores urbanos, a fim de aumentarmos o número de empreendimentos envolvidos neste trabalho.

Encontro Regional Ampliado da Cadeia Solidária das Frutas Nativas em Vacaria/RS, para planejamento e definição da política de preços (2020)

O Circuito Sul de circulação de alimentos da Rede Ecovida

Dinâmicas coletivas viáveis para a comercialização de alimentos agroecológicos em maior escala, beneficiando um maior número de famílias agricultoras, sobretudo em relação à logística de transporte da propriedade para os centros de consumo, são desafios recorrentes a serem superados. Com esse objetivo, famílias agricultoras, organizações de produção e de assessoria vinculadas à Rede Ecovida de Agroecologia, entre elas o CETAP, se articularam em busca de alternativas para superar tais limites.

As diferentes regiões onde o CETAP atua são formadas, na maioria das vezes, por municípios de pequeno porte, onde a organização de algumas famílias ou de grupos locais, mesmo sem número muito expressivo, dão conta de abastecer as feiras e outros formatos de comercialização alternativos ao convencional. Sendo assim, a construção de propostas mais amplas, que possibilitem o ingresso de um maior número de famílias, que, de forma coletiva, possam chegar a diferentes espaços de consumo, é algo indispensável para o avanço da "agroecologização" de propriedades. É partir desta realidade que o CETAP e outras organizações parceiras de comercialização discutem a construção de novos formatos, considerando, de forma especial, três aspectos: as experiências locais já consolidadas; a crescente demanda por alimentos agroecológicos e o aumento do número de famílias agricultoras que buscam ingressar em novos modelos de produção e comercialização, que viabilizem sua permanência de forma digna nas propriedades.

Grupo da Rede Ecovida de Agroecologia realiza visita de vistoria para renovação da certificação da produção orgânica em Três Arroios/RS (2018)

A iniciativa da Associação ECOTERRA em buscar novas articulações

No início dos anos 2000, famílias agricultoras associadas à ECOTERRA (Associação Regional de Cooperação e Agroecologia), que tem sede no município de Três Arroios/RS, estavam perdendo parte da produção, pois o mercado local não estava absorvendo a quantidade produzida. Inicialmente, buscou-se o diálogo junto a mercados e ao poder público dos municípios da região, no intuito de que pudessem absorver esta produção. No entanto, as novas demandas criadas não foram suficientes. Esta situação provocou o debate para construir um processo de comercialização para outros centros urbanos, com maior população. O próximo passo foi o ingresso em uma dinâmica que articulava atores da Rede Ecovida de Agroecologia em diferentes estados. Porém, a demanda ainda era pequena, sendo pouco expressiva em vista das possibilidades de oferta da associação.

No ano de 2006, a partir de uma demanda para abastecer feiras, pontos fixos e restaurantes em Curitiba/PR, iniciou-se uma articulação para a troca e a venda de alimentos agroecológicos. Assim, começa o processo do **Circuito Sul**, a partir da parceria entre organizações de assessoria e de comercialização:

Inauguração do Pavilhão da Ecoterra em Três Arroios/RS (2018)

- Associação Regional de Cooperação e Agroecologia (ECOTERRA), de Três Arroios/RS
- Associação para o Desenvolvimento da Agroecologia (AOPA), de Curitiba/PR
- Cooperativa Ecoserra, de Lages/SC
- Associação Cooperafloresta, de Barra do Turvo/SP.

A iniciativa mobiliza organizações de assessoria técnica, processos de produção, recolhimento, logística, distribuição e comercialização de alimentos agroecológicos nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. A articulação com redes de outros estados já está em processo de consolidação. O Circuito Sul envolve mais de 1.600 famílias de agricultores familiares ecologistas, além de várias organizações de assessoria, que atuam nas diferentes etapas, entre o processo de produção e o consumo final. O CETAP tem atuação direta na estação da ECOTERRA, de Três Arroios/RS, onde acompanha diretamente 100 famílias agricultoras.

A atuação do CETAP na orientação técnica-produtiva, organizativa e de escoamento junto à ECOTERRA possibilita a ampliação do número de famílias envolvidas, com o consequente aumento da diversidade e do volume de alimentos produzidos.

Esta dinâmica busca tornar viável a comercialização de alimentos agroecológicos de forma coletiva, ampliando a venda direta, de forma organizada e com preços mais justos, considerando os custos reais de produção das famílias, acrescidos dos custos de organização e logística, apresentando um preço final que não explore quem consome.

Preparo e carregamento dos alimentos orgânicos nos caminhões da Ecoterra que fazem a logística do Circuito Sul da Rede Ecovida de Agroecologia (2020)

A troca e a circulação de alimentos entre as regiões permitiram, à estação da ECOTERRA, aumentar a diversidade de alimentos ofertados. No início do processo, havia um alimento em maior quantidade – a laranja Valência. Hoje, são mais de 70 alimentos ofertados, de forma regular, em quantidades maiores e com venda garantida. Em nossa região de atuação, a garantia da produção agroecológica acontece pela certificação participativa da Associação ECOVIDA de Agroecologia.

Organização da dinâmica

A dinâmica do circuito está organizada em "estações", que correspondem às organizações locais envolvidas com a gestão coletiva. Estas organizações indicam uma pessoa para o contato direto com as demais estações, que se torna responsável pela sistematização das demandas e pedidos entre os parceiros vinculados à distribuição e comercialização, seguindo um planejamento de produção feito com as famílias agricultoras envolvidas.

A circulação dos alimentos é realizada por caminhões e veículos dos próprios agricultores e organizações que, a partir das estações, vão realizando a troca dos alimentos nas rotas planejadas. A cada 45 dias, aproximadamente, ocorre uma reunião presencial entre as estações, quando representantes das famílias agricultoras e organizações de assessoria tomam as decisões sobre a formação de preços, planejamento, logística, organização das ofertas, demandas e acertos financeiros.

Os representantes da estação ECOTERRA destacam que o objetivo do trabalho na região Alto Uruguai do Rio Grande do Sul é a "viabilização das famílias agricultoras ecologistas, hoje excluídas do sistema produtivista, tecnificado e convencional, por não terem áreas de terra suficiente ou capital de investimento necessário. Com o planejamento da produção e preços justos, mostramos que a agricultura ecológica pode sim produzir grandes quantidades de alimentos, para ajudar a melhorar a qualidade alimentar da sociedade".

Espaços acessados pelo circuito:

- Feiras agroecológicas
- Programas institucionais (PNAE) do setor público
- Pequenos mercados
- Restaurantes e lojas especializadas
- Cooperativas e grupos de consumidores
- Venda direta na propriedade (turismo rural)
- Venda em eventos nas comunidades rurais e da Rede Ecovida de Agroecologia

Um dos critérios construídos coletivamente é que cada estação tem autonomia na organização de suas dinâmicas locais de parcerias para produção e comercialização. Porém, as estações envolvidas e ativas no circuito têm prioridade na entrega e na compra de alimentos das demais estações. Vale destacar que todos os alimentos que circulam nestas dinâmicas são agroecológicos, com certificação.

Grupo da Rede Ecovida de Agroecologia realiza reunião com família de agricultores durante vistoria para certificação da produção orgânica em Três Arroios/RS (2018)

Participação coletiva gerando credibilidade

SPGs – Sistemas Participativos de Garantias

A agroecologia, por meio do alimento saudável, da geração de renda e de uma metodologia de interligar as pessoas em diferentes dinâmicas, tem ganhado força na sociedade. Uma parcela cada vez maior da população busca alimentos e produtos identificados com a responsabilidade socioambiental e com a promoção da saúde. Ao mesmo tempo, ainda temos muitos desafios, que perpassam a sensibilização, a produção, o processamento e a distribuição de alimentos agroecológicos.

O processo de construção de um novo sistema alimentar, de base agroecológica e pautado na sustentabilidade, necessita de um modelo de credibilidade que seja participativo. Esta construção e sua consolidação envolvem diferentes atores, do meio rural e urbano, que precisam ampliar o diálogo e definir estratégias nos diferentes campos: político, tecnológico, econômico e social.

Apesar da alimentação estar presente no nosso cotidiano, poucas vezes nos perguntamos sobre o que estamos colocando à nossa mesa, ou seja, de onde vêm os alimentos que comemos diariamente? Como e por quem foram produzidos? Que distância percorreram e como foram transportados até chegar à minha mesa? Qual a finalidade de quem os produziu, transportou e vendeu? Quem foram os maiores beneficiados neste processo? Estas perguntas ajudam a entender a necessidade de construirmos parcerias e articulações que impulsionem processos mais transparentes e participativos, com o objetivo de oferecer garantia e credibilidade à produção ecológica.

O CETAP faz parte da Rede Ecovida de Agroecologia que, juntamente com outras organizações do sul do Brasil, ao longo de vários anos, desenvolveu um método intitulado **Certificação Participativa**. Porém, com a aprovação da Lei Nacional que regulamenta a produção orgânica no Brasil (Lei nº 10.831, de 2003), este processo ficou denominado como **Sistemas Participativos de Garantia – SPGs**.

É extremamente importante dinamizar um processo que demonstre, de forma aberta e transparente, como são realizadas as várias etapas de produção, processamento e distribuição dos alimentos agroecológicos, gerando credibilidade entre quem produz e quem consome. Assim, a produção ecológica gera reconhecimento e valor para quem produz, além de uma alimentação saudável, adequada e de qualidade para quem consome. O SPG é uma das maneiras de gerar credibilidade de forma mais coletiva e com envolvimento de um número maior de setores da sociedade.

SPG na base de atuação do CETAP

O CETAP, desde o princípio até os dias atuais, nas mais diversas ações que promove, sempre estimulou a cooperação entre pessoas e organizações, por acreditar que a cooperação é um dos princípios fundamentais na promoção da agroecologia. Assim, torna-se possível construir dinâmicas locais, regionais e mais amplas, capazes de promover processos de credibilidade e os princípios da agroecologia.

Esta disposição, empenho, e, acima de tudo, espírito de coletividade, nos permitiu sonhar, planejar e dar início - conjuntamente com as demais organizações integrantes da Rede Ecovida de Agroecologia e a partir das práticas das famílias e grupos agroecológicos - à implementação de um sistema coletivo de geração e credibilidade, que veio para fortalecer a relação entre quem produz e quem consome o alimento.

O SPG é uma forma de contribuir para o fortalecimento da cooperação entre diversos atores - rurais, urbanos, de produção, processamento e assessoria - compartilhando um objetivo comum. Portanto, no entendimento do CETAP, o SPG é muito mais do que uma ferramenta para garantir a certificação dos alimentos e acessar outros canais de mercado, mas é uma dinâmica social, que fortalece as diversas dimensões agroecológicas em uma determinada região e estado. Atualmente, o CETAP se envolve diretamente na organização e dinamização de dois núcleos da Rede Ecovida de Agroecologia, os Núcleos Planalto e Alto Uruguai, atuando, também, como apoio ao Núcleo Serra no Rio Grande do Sul.

Aprendizados

A dinâmica construída para os SPGs tem ajudado a criar mecanismos de participação e organização das famílias, o que fortalece, significativamente, alguns pontos:

- animação e manutenção das ações de grupo;
- espaços de discussão coletiva de diversos temas relacionados à agroecologia (sementes, técnicas produtivas, processamento, comercialização...);
- acesso a diferentes mercados de alimentos ecológicos, estimulando o crescimento da produção e o fortalecimento da identidade da Rede Ecovida;
- troca de experiências e conhecimento do que ocorre dentro do grupo, o que fortalece as famílias agricultoras socialmente, por meio de discussões sobre os desafios enfrentados e busca por soluções para os problemas.

Visita de vistoria do Sistema Participativo de Garantia (SPG) - São João da Urtiga/RS (2020)

Toda a caminhada traz aprendizados, mas também dúvidas:

a) que práticas individuais podem ser adotadas cotidianamente para contribuir com a proposta da agroecologia?

b) que aspectos podem ser incorporados nas reflexões, nas atividades escolares, em estudos e objetos de pesquisas para aprofundar, qualificar e dar visibilidade ao realizado, apontando medidas que podem ser adotadas para ampliar a produção e uso de alimentos saudáveis?

c) que políticas públicas podem ser redirecionadas ou criadas para apoiar estas formas de produção e de comercialização de alimentos?

Ao invés de insistir em mostrar possibilidades, deixamos questionamentos para que cada pessoa possa contribuir, acrescentando ações que estão sendo ou possam ser realizadas. Cada ideia acrescida será de grande valia para o coletivo.

Tomara que estes apontamentos contribuam para despertar a importância de mudanças, partindo de nós mesmos e de como nossas atitudes podem sensibilizar as pessoas com convivência próxima.

Por fim, queremos que estas reflexões nos estimulem a criar algo que vá além do "senso comum", pois os limites desta realidade que nos foi colocada geram uma sensação de mediocridade para a espécie humana frente à vida como um todo; mais fortemente evidenciada com a realidade da Pandemia da Covid-19 neste ano de 2020.

Intercâmbio entre agricultores para conhecer produção de morango e amora nos municípios de Ipê/RS e Antônio Prado/RS (2020)

Investimento em pesquisa e apoio de políticas públicas

A deficiência de apoio de políticas públicas para estimular a produção ecológica é uma constante. A situação poderia ser muito mais favorável se contássemos com investimentos e incentivo para pesquisas nas universidades e na extensão rural. A produção local de alimentos possibilita estruturar dinâmicas mais sustentáveis, diminuindo o gasto de energia para comercializar e ofertar alimentos mais frescos e de melhor qualidade nutricional, com ganhos imediatos para a economia dos municípios. Para superar estes entraves, é importante somar com parcerias que se identificam com a proposta de desenvolvimento sustentável.

Dia de Campo para conhecer técnicas de manejo de Agrofloresta - Vacaria/RS (2018)

Perspectivas da agricultura ecológica na região e a atuação do CETAP

Área de produção agroecológica em Aratiba/RS (2018)

A produção de alimentos orgânicos, livres de agrotóxicos e produtos químicos no Brasil, segue crescendo e mudando a realidade de famílias agricultoras que se desafiam e trabalham para produção destes alimentos, como também de quem busca uma alimentação mais saudável. De acordo com o Conselho Brasileiro da Produção Orgânica e Sustentável (Organis), o cultivo desses alimentos cresce em média 20% ao ano, o que demonstra que esta mudança de comportamento não é só um modismo, mas passa a ser uma dinâmica produtiva sustentável.

A crescente tecnificação da agricultura que vem sendo implantada nas últimas décadas não é inclusiva, pelo contrário, muitas famílias agricultoras continuam sendo deixadas de lado no campo. Famílias que possuem poucas terras "agricultáveis" para produção de *commodities* não conseguem sustentar seus familiares, sendo forçadas, muitas vezes, a deixarem suas propriedades ou viverem em condições não adequadas e até desumanas. Muitas vezes, nos chocamos com o empobrecimento nas periferias urbanas, mas esquecemos de famílias e comunidades rurais que foram abandonadas pelo atual modelo capitalista.

A produção de alimentos, seguindo os princípios agroecológicos e as diferentes dinâmicas de comercialização que existem, mostra, de forma concreta, a viabilidade das famílias agricultoras permanecerem no campo, mesmo com pouca área de terra, sustentando de forma digna suas famílias. Este modelo constrói relações de cooperação entre famílias agricultoras e também com os moradores das cidades, fortalecendo os diferentes elos desta corrente que avança e se firma como um modo de vida sustentável, que respeita o ambiente em que vivemos.

Perspectivas e desafios para o CETAP neste contexto

O CETAP tem se consolidado, ao longo de sua história, como uma das organizações que mantém seu foco em contribuir para a afirmação da agricultura familiar e de suas diferentes organizações, particularmente atuando na construção da agricultura sustentável, com base em princípios agroecológicos, trabalhando pela abertura de espaços e oportunidades para o exercício da cidadania ativa e para o fortalecimento das organizações sociais. Assim, podemos afirmar que:

a) existem famílias agricultoras que querem avançar na agroecologia.

O olhar da organização para quem está sendo excluído dos processos produtivos, vivendo em condições precárias na agricultura, é algo imprescindível. Há um número significativo de famílias agricultoras ainda em situação de vulnerabilidade e sem suporte, que buscam apoio para construírem alternativas de sobrevivência no campo. Uma das formas de apoio é a agroecologia e suas dinâmicas, especialmente se considerarmos a demanda crescente por parte dos consumidores e de suas organizações por alimentos saudáveis, produzidos com consciência ambiental e social e economicamente mais justos. Nosso desafio é manter a "essência Cetapiana", adaptando-se constantemente às mudanças de tempo e contexto social, acolhendo diferentes públicos, demandas e dinâmicas;

Agricultores familiares agroecologistas Ibiraiaras/RS (2018)

b) existem famílias que já comprovaram que é possível.

Existem muitos questionamentos sobre a viabilidade de se produzir alimentos seguindo os princípios da agroecologia. Possuímos diversas experiências que comprovam que é possível produzir, comercializar e viver sem agredir o meio ambiente, ofertando um alimento limpo e saudável para o consumo. Estas experiências são referências para as organizações e outras famílias que queiram conhecer e vivenciar, na prática, a viabilidade da agroecologia em diversos aspectos;

c) é preciso ampliar a participação de moradores das cidades em empreendimentos de processamento e comercialização de alimentos.

A urbanização, o aumento na distância entre os domicílios e os locais de trabalho ou estudo, o distanciamento da população das práticas culinárias e o pouco tempo dedicado à alimentação têm demandado alimentos com beneficiamento ou processamentos mínimos, que tornem seu preparo e consumo mais práticos. Mesmo no ambiente escolar, devido à pouca infraestrutura das escolas e à redução do número de recursos humanos envolvidos no preparo da alimentação, evidencia-se a necessidade de alimentos que também sejam sinônimos de praticidade.

Enquanto isso, no meio rural, a produção de alimentos agroecológicos vem sendo desafiada pela diminuição do tamanho e do número de famílias, pela necessidade de participação dos agricultores em diferentes espaços para a garantia da certificação emitida pelo SPG e, muitas vezes, pela necessidade de presença em espaços de comercialização, como nas feiras, por exemplo. Este cenário tem motivado e evidenciado a necessidade de unidades de processamento assumidas e gerenciadas por parceiros que respeitem os princípios da agroecologia e que possam oferecer ao consumidor um alimento de qualidade a um preço justo, sem sobrecarregar a família agricultora;

Trabalho com estudantes da Educação Infantil em Escola Pública Municipal de Passo Fundo/RS (2019)

Feira Pé na Terra acontece junto ao Restaurante Utopia, em Sananduva/RS (2020)

Retrocessos sociais e ambientais ameaçam conquistas

Estamos vivenciando um período nebuloso, pois as conquistas que alcançamos estão sendo ameaçadas pelo interesse do capital associado à agricultura do agronegócio, com liberação de uma diversidade de agrotóxicos, avanço no desmatamento e na grilagem de terra, negligenciando as mudanças climáticas e seu potencial impacto. Enfim, são retrocessos de proporções ainda pouco previsíveis, mas muito preocupantes nos aspectos sociais e ambientais, especialmente para as gerações futuras.

d) é necessário educar para o consumo responsável e alimentação saudável.

O sistema agroalimentar atual enfrenta grandes desafios de sustentabilidade e os aspectos relacionados ao consumo são cruciais para reversão deste cenário e promoção de um sistema sustentável, que seja sinônimo de saúde e que possa garantir segurança alimentar e nutricional para as futuras gerações. Uma grande parcela da população permanece alheia, ou escolhe não se envolver em práticas de consumo sustentável, o que pode ser explicado pela demasiada quantidade de abordagens publicitárias que promovem e incentivam o consumo de alimentos nutricionalmente desbalanceados, hiperpalatáveis, que não respeitam cultura e meio ambiente e que derivam de um sistema economicamente e socialmente injustos.

Uma maior oferta de alimentos agroecológicos, por si só, já é um contraponto. No entanto, fazem-se necessárias também ações de caráter educacional que busquem levar informações fidedignas sobre alimentação saudável e sustentável para a população, possibilitando que o consumidor passe a ter mais consciência sobre os impactos causados por suas escolhas alimentares e, assim, assuma maior responsabilidade com sua saúde e com o meio ambiente;

e) precisamos de estratégias para sustentação institucional.

Diante das mudanças que estão ocorrendo, pensar em estratégias de resistência e sobrevivência das Organizações da Sociedade Civil que defendem a produção agroecológica, diversificada e sustentável de alimentos, realizada por famílias agricultoras, articulada com famílias urbanas, torna-se cada vez mais necessário e urgente. O CETAP sempre manteve, como orientador de suas ações, o princípio de ser um motivador na construção de processos que visem, de forma direta, apoiar famílias agricultoras e consumidores que se desafiem a construir diferentes formatos sustentáveis e viáveis de organização, para manter e sustentar as famílias de forma digna;

f) nossa atuação deve ser articulada em redes.

No que tange à atuação em redes, historicamente, sempre tivemos esta perspectiva, iniciando com a participação e articulação da Rede PTA, que aglutinava entidades de apoio a outro modelo para a agricultura familiar, em âmbito nacional, e participando na Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais (ABONG). Na região sul do Brasil, já participamos da Rede TA-Sul e incentivamos a criação da Rede Ecovida de Agroecologia. No estado do Rio Grande do Sul, estabelecemos relação com outras entidades parceiras, em uma articulação denominada Consórcio de ONGs, com as quais pleiteamos políticas de apoio à promoção da Agricultura Ecológica e já executamos projetos conjuntos sob coordenação do CETAP. No âmbito internacional, estabelecemos cooperação com entidades parceiras de apoio a projetos de promoção e fortalecimento da agroecologia. Na relação com o público beneficiário, incentivamos atividades coletivas e ações organizativas que resultaram na constituição de diversas organizações. Assim, podemos dizer que, ao longo da caminhada, foram sendo construídas redes que, atualmente, formatam as relações institucionais e que abarcam os diferentes níveis de atuação da entidade, envolvendo agricultores, consumidores, suas organizações e entidades parceiras. No momento e na conjuntura atual, os desafios se intensificam e a estratégia de cooperação e articulação em rede é imprescindível para resistir e avançar na agricultura ecológica.

Encontro de estudo sobre Redes promovido pelo CETAP, com participação de representantes da Cadeia Solidária das Frutas Nativas e do Consórcio de ONGs-RS, em Passo Fundo/RS (2018)

Sistemas de produção sintonizados com o ambiente natural

A construção da proposta da agricultura ecológica considera a valorização da produção diversificada, da sociobiodiversidade e das características socioculturais. A análise dos ecossistemas locais e dos sistemas de produção tradicionais contribuem para implantar sistemas de produção mais sintonizados com o ambiente natural. Podemos considerar que há inovação na adequação do conhecimento tradicional e na sua adaptação aos sistemas orgânicos de produção, que proporcionaram aumento na oferta de alimentos.

Ensinamentos a partir da trajetória da agricultura ecológica

O tempo é o senhor da história e nos ensina que, na nossa vida, que é breve, devemos valorizar o conhecimento acumulado, além de ter respeito e cuidado com o meio ambiente e seus ecossistemas. Assim, encontraremos equilíbrio nas formas de convivência e cooperação entre todos os organismos do planeta.

A prática da agricultura ecológica exige e estimula o conhecimento e os aprendizados, tanto por quem já se dedica ao processo produtivo, como para quem pretende iniciar esta forma de produzir alimentos. Envolver-se na comercialização, buscando o abastecimento alimentar com diversidade e qualidade, por meio de relações de confiança e credibilidade, também exige e oportuniza aprendizados constantes para agricultores, consumidores e entidades de apoio. Queremos compartilhar alguns dos maiores aprendizados que esta trajetória nos proporcionou.

1. *É possível produzir alimentos com outros formatos tecnológicos.*

A agricultura ecológica rompe com "verdades estabelecidas", de que somente é possível produzir alimentos com uso de tecnologias "convencionais", que são apresentadas como hegemônicas, mostrando, de forma concreta, que é possível ter outras opções de produção dos alimentos. A agricultura ecológica, praticada há décadas pelas famílias agricultoras, mostra que é possível produzir alimentos utilizando princípios e tecnologias mais adequadas, com grande responsabilidade socioambiental. As diferentes dinâmicas de comercialização de alimentos ecológicos são extremamente importantes para consolidar sistemas viáveis, desde a produção até o consumo junto a moradores urbanos, garantindo um preço mais justo a quem produz e a quem consome.

2. *Pequenas propriedades têm grande importância para a economia e desenvolvimento local.*

Com suas lógicas de produção e reprodução, as pequenas propriedades rurais continuam sendo muito eficazes. Produzem diversidade de alimentos, adotando práticas sustentáveis, em ambientes que estimulam o conhecimento e a troca de experiências entre gerações. Ao produzir para o auto abastecimento e para a geração de renda, adotam medidas de gestão que reduzem riscos de inviabilização, contribuindo para a segurança alimentar e o fortalecimento da economia em geral. É necessário que toda a sociedade perceba a importância deste modelo, pois esta forma de gerir as unidades de produção é muito eficiente quando se deseja o desenvolvimento com inclusão e sustentabilidade.

3. Produzir e comercializar alimentos ecológicos ampliam as oportunidades para mulheres e jovens.

As dinâmicas de produção e de comercialização de alimentos agroecológicos estão possibilitando mudanças nas relações de gênero e entre gerações. Há participação do conjunto dos membros familiares nas diversas etapas e fases, da produção à comercialização. Assim, o processo de tomada de decisões passa a ter maior participação, incluindo-se as definições sobre como compartilhar os resultados alcançados com as vendas e as prioridades de utilização dos recursos na unidade produtiva. As relações sociais contribuem com o desenvolvimento das capacidades pessoais e no autocuidado das pessoas envolvidas. Há que se destacar que mulheres e jovens têm grande sensibilidade e interesse pela agricultura ecológica.

4. Conhecer a procedência e saber como foram produzidos os alimentos consumidos são direitos cada vez mais exercidos pelas pessoas.

A agricultura ecológica está contribuindo de forma significativa com este processo em que os consumidores buscam saber como e onde foram produzidos os alimentos, possibilitando o repasse de informações sobre os diferentes formatos de produção e intercâmbio de conhecimento entre rurais e urbanos. Ao exercitar este direito, contribuem para aperfeiçoar os sistemas de produção, ampliar o acesso aos alimentos e a segurança alimentar e nutricional para as atuais e futuras gerações.

5. É necessário investir em espaços que possibilitem a ampliação do acesso aos alimentos ecológicos.

As "leis do mercado" sugerem que o produtor aproveite a oportunidade para comercializar os alimentos ecológicos por preços mais elevados, em razão das diferenças entre oferta e demanda. No entanto, os diferentes formatos produtivos possibilitam praticar preços que sejam acessíveis para uma parcela significativa da população. A relação direta entre agricultores e consumidores estimula a adequação de preços. Comercializar alimentos em diversos espaços possibilita maior segurança para planejar a produção e minimiza riscos de perdas quando ocorrem imprevistos. Em sociedades como a nossa, com grandes desigualdades sociais, há a necessidade de criar e fortalecer espaços que facilitem o acesso da população aos alimentos. A segurança alimentar e nutricional dificilmente será alcançada se a comida for considerada somente uma mercadoria, com propósito de obtenção de lucro. Agricultores e consumidores podem construir opções viáveis que promovam maior sustentabilidade e segurança alimentar e nutricional.

6. A biodiversidade amplia oportunidades alimentares e de renda.

Apostar na produção diversificada traz oportunidades para uma alimentação familiar mais equilibrada e adequada, maior segurança nos aspectos produtivos e na oferta de alimentos e geração de renda. A diversidade ofertada nos espaços de comercialização estimula novas demandas e diferentes usos alimentares, ampliando a geração de renda. Quando negligenciamos ou destruímos a biodiversidade, estamos reduzindo as oportunidades de alimentação, saúde, renda e qualidade de vida das atuais e futuras gerações.

7. É de incontestável importância a valorização de alimentos regionais, sazonais e agroecológicos.

A produção e comercialização de alimentos agroecológicos em diversas cidades, de diferentes tamanhos populacionais, estão possibilitando que pessoas passem a dar valor a estes alimentos saudáveis, *in natura* ou minimamente processados, produzidos localmente, respeitando a sazonalidade da produção. Além disso, promovem o resgate e a valorização de alimentos tradicionais e nativos, que incrementam a oferta alimentar em quantidade e variedade de sabores. Optar por estes alimentos é uma atitude consciente e responsável.

Momento de partilha de sementes, troca de materiais e experiências durante as comemorações dos 30 anos do CETAP.

Linha Vaca Morta, Três Arroios/RS (2016)

8. O fortalecimento da agroecologia está relacionado ao estímulo de parcerias e ao fortalecimento das institucionalidades.

O envolvimento no processo de produção e comercialização estimula diferentes capacidades nas pessoas, o que se estende para outros espaços, como associações, cooperativas, organizações de apoio, por exemplo. Durante a caminhada, novas necessidades são identificadas e parcerias vão sendo estabelecidas. As diferentes partes são desafiadas a exercitar o diálogo para que possam contribuir para o alcance dos objetivos comuns. Os compromissos assumidos pelas organizações da sociedade civil contribuem para o fortalecimento de suas institucionalidades.

9. A agroecologia fortalece as relações de parceria e confiança entre rurais e urbanos.

A produção de alimentos ecológicos é realizada fazendo uso de práticas e tecnologias que geram credibilidade para as famílias agricultoras organizadas em grupos. Esta relação de confiança vai se constituindo primeiro entre os próprios agricultores e, depois, também com os clientes. Essa credibilidade é fundamental para a ampliação da clientela e para que as relações de compra e venda sejam duradouras. Ao exercitar o direito de saber quem produziu e como foram produzidos os alimentos, as pessoas cuidam da sua saúde e colaboram com o aperfeiçoamento da segurança alimentar e nutricional em geral. A agricultura ecológica está estimulando intercâmbios, motivando visitas às unidades de produção e partilhando conhecimento entre rurais e urbanos.

Evento de degustação e divulgação de pratos a base de frutas nativas junto à empreendimentos gastronômicos, restaurantes e hotéis.
Lagoa Vermelha RS (2019)

10. A comercialização de alimentos ecológicos deve estimular a produção sustentável e o consumo consciente.

A aproximação entre quem produz e quem adquire os alimentos é muito importante. Historicamente, estes segmentos sociais foram colocados como conflitantes, enfatizando-se que: "quem produz e vende quer ganhar mais e, quem compra, quer pagar menos". As vendas diretas e as demais dinâmicas de comercialização da agricultura ecológica ajudaram a transformar este propalado "conflito" em colaboração e cooperação, afinal, *quem consome quer saber como os alimentos foram produzidos e quem produz sente orgulho em explicar e convidar para que conheçam sua área de produção*. Os caminhos que se apresentam a partir destas ações indicam que as formas de produção tendem a ser qualificadas e ampliadas, de modo integrado com o consumo consciente e responsável de quem reside em centros urbanos. Assim, a agricultura ecológica tende a estimular o consumo consciente; e o consumo consciente tende a estimular a agricultura ecológica. Precisamos destacar a profundidade deste processo, que possibilita o desenvolvimento com inclusão e responsabilidade.

11. As ações de promoção da agroecologia colaboram com a temática da Segurança Alimentar e Nutricional.

Alimentos saudáveis provenientes de processos produtivos adequados e responsáveis estão contribuindo com as reflexões e ações que buscam o aperfeiçoamento da segurança alimentar e nutricional da população. A segurança alimentar e nutricional congrega um conjunto de princípios e práticas que devem ser adotadas por meio de políticas e atitudes de gestores públicos, de entidades, empresas e dos indivíduos, para que se tenha, cada vez mais, assegurado o direito de que todas as pessoas possam acessar alimentos de qualidade, nutritivos e saudáveis. A importância da valorização dos alimentos locais e regionais, do consumo de alimentos *in natura* ou minimamente processados também são aspectos que estão presentes nas reflexões e atividades práticas realizadas, como eventos de degustação e estímulo às alternativas gastronômicas. Este debate também acontece nos espaços de diálogos sobre a alimentação escolar, como os conselhos municipais, com o objetivo de ofertar uma alimentação adequada para os estudantes. Embora com limites financeiros, vão surgindo ações locais neste sentido, que, por sua vez, tendem a motivar outras ações dos educadores em temas relacionados, além de estimular diálogos nos espaços familiares sobre as práticas alimentares adotadas.

12. Espaços de diálogo são importantes para estimular ações e políticas de incentivo à agricultura ecológica e ao consumo responsável.

A agricultura ecológica segue princípios orientadores dos diálogos e das ações que são realizadas em grupos, núcleos, redes de agricultores e também de parceiros colaboradores e consumidores. Os alimentos ofertados estão estimulando diálogos e troca de informações, como o que acontece junto aos conselhos municipais e estaduais, que são compostos por representações diversas e paritárias. Busca-se identificar ações que possam ser realizadas coletivamente e políticas que possam ser adotadas ou aperfeiçoadas, visando apoiar a produção de alimentos saudáveis e o consumo responsável. Fazer-se presente, mostrar o que é realizado, por quem e com que finalidade, são condições para, gradualmente, conquistar apoio e ampliar perspectivas. O exercício do diálogo em espaços com diferentes pensamentos e objetivos é algo necessário e saudável para o crescimento pessoal, coletivo e das propostas. Dificilmente teremos grandes conquistas se as ações locais não tiverem reconhecimento social e político, embasando decisões de maior alcance que venham a ser adotadas.

Constituir e manter espaços de abastecimento alimentar e de integração entre quem produz e quem consome traz indicativos e aprendizados importantes, que colaboram com a necessidade de aperfeiçoar os sistemas produtivos e de acesso a alimentos agroecológicos. São referências que mostram as possibilidades de outros formatos de relações sociais e de desenvolvimento. As parcerias e redes estabelecidas são bons indicadores do reconhecimento social sobre a importância do que está sendo realizado.

Na nossa trajetória institucional, percebemos que a construção coletiva é mais desafiadora, mas nos permitiu construir, paulatinamente, aprendizados que fizeram com que a proposta da *Agricultura Alternativa* se conformasse em Agroecologia; e a produção ecológica tivesse visibilidade e aceitação social. No entanto, precisamos estar atentos à apropriação da narrativa pelo capitalismo verde, que transforma a preservação ambiental em intenção de ampliar os lucros. Assim, o esforço que temos feito para produzir alimentos mais saudáveis, com preservação ambiental, defendendo que a alimentação é um direito de todos, fica comprometido, não sendo acessível aos setores mais vulneráveis da sociedade.

Identificamos, no aprendizado acumulado, que é preciso aproximar os consumidores dos agricultores, para fomentar o apoio social à agricultura familiar ecológica. Para tanto, é necessário difundir informações fidedignas sobre alimentação, agricultura e consumo, buscando, junto aos consumidores, uma tomada de consciência que mude atitudes cotidianas e hábitos de consumo.

Vislumbramos, na educação, um caminho fundamental para oportunizar novos conhecimentos e formação aos cidadãos. É preciso oportunizar o acesso a novas visões de cuidado e respeito ao ambiente e à vida, bem como informações e conhecimento sobre de onde vêm os alimentos e como eles são produzidos. Assim, permitiremos o despertar para novos comportamentos e atitudes de consumo.

Comercialização evolui com demanda crescente

A comercialização tem evoluído de forma muito significativa, alicerçada na demanda dos consumidores. É preciso aprimorar constantemente esse processo para oferecer aos consumidores alimentos saudáveis e de procedência identificada, com rastreabilidade e certificação. Com estes procedimentos, é possível contornar a incompreensão da vigilância sanitária e proporcionar credibilidade aos consumidores. Neste aspecto, é fundamental a organização e articulação dos atores sociais para afirmar e assegurar a produção e oferta de alimentos ecológicos.

A agricultura ecológica motiva o consumo consciente e a transformação de atitudes

Quando as pessoas se apropriam da proposta da agricultura ecológica, se tornam mais conscientes e mudam de atitudes em relação ao consumo, pois se desafiam a conhecer de onde se originam e como são produzidos os alimentos consumidos por elas e por suas famílias. Percebem a importância da atividade dos agricultores, da sucessão rural, da qualidade dos alimentos, da preservação do meio ambiente, da sua saúde, de políticas públicas e outros aspectos correlatos à produção e ao consumo. Neste sentido, podemos afirmar que a agricultura ecológica oportuniza a discussão sobre o consumo consciente e estimula mudança de atitudes.

Relização: CETAP AGRICULTURA ECOLOGIA

Apoio: INTER-AMERICAN FOUNDATION 1969